

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per acciden's politico.

Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 1.º de Outubro.

(NUMERO 53.)

Olho vivo com a politica Inglesa.

AINDA que não vimos a integra do tractado ultimamente celebrado entre o Govern. Britanico, e o de Portugal, todavia asseverão nos, que hum dos Artigos he o direito de visita maritima concedido aos navios Ingleses. A ser isto verdade, como cremos, a que estado de fraqueza, e degradação tem chegado a Nação Portugueza, outr'ora senhora dos mares! Quem dissera aos Vascos da Gama, e aos Cabraes, que descobrião o primeiro a navegação da India, e o segundo o nosso Brazil; quem dissera aos Albuquerque, aos Castros, aos Ataides, aos Mascarenhas, e a tantos heroes Portuguezes, que tempo viria em que o brioso, e invict Portugal receberia ordens da Inglaterra?

Reconheço, que este paiz conta em seu seio pessoas de grande merito, de profundo saber, e de muitas virtudes: mas creio, que hoje não há quem esteja convencido da perversidade da politica Inglesa, a qual nenhuma outra cousa aspira, que a dominação universal. Sim o Governo Britanico he o egoismo personalizado. Elle não olha, senão ao seu interesse; e huma vez que consiga lucros, todos os meios lhe são igualmente indifferentes. A labia, a insinuação, o suborno, a traição, a perfidia, o veneno, o assassinio, de tudo se prevalece com o mesmo sangue frio, huma vez que chegue a seus fins.

Quem ignora, que até hoje a Politica Inglesa não tem outros principios, e outras maximas, que não sejam os do melancolico Chatham, e do seu atroz Mi-

nistro Pitt? Este homem profundamente ambicioso dispoz despoticamente dos thezouros das forças, da população, e em fim do caracter nacional para avassalar as colonias das trez partes do mundo, monopolizar o commercio de todos os Estados, avaliar todas as sociedades humanas, devastar todos os continentes, dominar todos os Governos, destruir todos os principios de moral, e bem assim todos os sentimentos de gloria ainda mesmo na sua propria nação; extinguir o germen da liberdade, e os principios d' independencia nos outros povos, apagar todas as luzes da Philosophia, e calcar aos pés os direitos do homem com o ardente desejo de reduzir a cinzas todos os seus vestigios sobre a superficie do globo.

A celebre doutrina do interesse, como unico movel das acções humanas, doutrina, que jazia sepultada, e esquecida nos velhissimos livros de Epicuro, onde resuscitou, senão em Inglaterra nos escriptos do celebre philosopho Hobbes? Este Inglez foi o primeiro, que na Europa moderna endoosou, e systematizou o egoismo. Elle estabeleceu por principio inconcusso, e fundamental do seu systema, que antecedentemente á formação do Governo tudo he indifferente por sua natureza, tudo arbitrario, e local, nada he bom, nem mau em si, nem por lei alguma natural, commum, e universal: que todas as nossas obrigações para com o proximo não se fundão, senão em hum contracto positivo; quo assim como no estado da natureza a distincção do bem, e do mal, do justo, e do injusto, da virtude, e do vicio não tem outra medida, senão o interesse pri-

vado, do mesmo modo no estado social ella não pode ter outra, senão as convenções sociaes: finalmente Hobbes ensinou, que tudo está em conseguir o fim proposto, sem olhar para os meios. E o mais he, que a sua doutrina, alias tão grata ás paixões humanas, tem invadido tudo, e deitado a perder o mundo inteiro.

He mais, que provavel, que o Gabinete Inglez pretenda do Brasil o mesmo tractado, que conseguiu de Portugal com pequenas alterações locais. E haverá hoje quem ignore, que todo o fito desse Gabinete está em tirar-nos os braços á nossa agricultura, e dest'arte livrar-se de hum forte competidor nos mercados da Europa a iguaes generos das suas colonias d'India? Mas que necessidade temos, ou que vantagens havemos colhido, ou podemos colher de tractados com huma Nação poderosa, cujo Governo sobejas provas há dado por todo o mundo do seu egoismo, da sua perfidia, e da sua má fé? Não estão os nossos portos abertos ao seu commercio? Que mais he preciso para elles, e para nós? Que segurança, que reciprocidade d'interesses pode realmente haver em tractados entre o Brasil fraco, e principiante, e a poderosa, e ladinissima Inglaterra? Só se for o pacto entre o lobo, e as ovelhas.

Quem há hi tão basbaque, que se persuada, que esse empenho tão extremo, essas dispezas tão extraordinarias do Governo Inglez em acabar com o alias infame trafico de escravaria entre nós, não tenham outro motivo, senão a philantropia? Esse Governo eminentemente calculista, e matreiro, que professando o Christianismo deixa exportar das suas alfandegas imagens de idolos para a Asia, esse Governo, que conserva na mais barbara escravidão aos brancos do Indostão só sympathiza com os negros, que das costas d'Africa passam ao nosso Brasil? Tanta humanidade para estes, e tanta crueldade para todo o mundo!

Eu creio, que nenhum homem despidido de prejuizos, e mais se professa o Evangelho, poderá deixar de reconhecer a iniquidade do trafico de carne humana; e além disto facil he demonstrar por cal-

culos irrecusaveis, que o serviço de braços escravos são infinitamente mais caro, do que o de braços jornaleiros, e livres; e por outra parte todos reconhecemos, que a escravaria he huma das primarias fontes da nossa immoralidade. Mas habitos inveterados por tantos seculos não se largão de repente; só a convicção d'interesses mais bem entendido poderá pouco, e pouco ir delindo do nosso animo esses, e outros prejuizos de tão largos annos: por tanto a nós mesmos, e a ninguém mais, he, que cumpre ir tomando as necessarias medidas para nos livrarmos desse trafico inhumano, e prejudicial. Todavia bem claro he, que quem quer, que o Brasil acabe de entorviada com a importação de braços africanos, sem que previamente haja tomado todas as medidas para suprir essa falta momentosa, he indubitavelmente inimigo declarado do mesmo Brasil; porque a fonte principal da nossa riqueza he decerto a agricultura, e todos sabem, que por ora não podemos dispensar esses braços sem ficarmos reduzidos á ultima penuria.

Tal parece ser o alvo, a que atira o Governo Inglez. Que se importa este, que o Brasil se reduza á mais lastimosa miseria; que se despedasse em facções, e guerra civil, lutando com as maiores precisões, huma vez que d'isso proveinha o mais alto preço das mercadorias das colonias Britannicas? Já se viu em tempo algum, que esse Governo recusasse diante de nenhum meio, por mais iniquo, por mais horroso, logo que se tracta de promover os seus interesses? E como ousa encampar nos a sua philantropia hum Governo, que por tantos seculos trouxe a misera Irlanda debaixo do mais duro, e deshumano captiveiro?

Mas elle nutre esperanças em a nossa fraqueza; e talvez aguarde do nosso Corpo Legislativo o consentimento de seus ambiciosos desenhos: ate não falta quem profira, que o ouro da Inglaterra tudo vencerá a seu bel prazer. Mas não concidero tamanha a nossa corrupção, que hajão entre nós Representantes da Nação, que subscrevão á ignominia, e total decadencia da mesma Nação. Em verdade

que Brasileiro haverá tão degenerado, e de tão ignobéis sentimentos, que annua á ruina total da sua patria? Caso porém appareça algum, que concorde com as iniquas pretensões do Governo Britanico, esse ficará marcado com o negro ferrete da execração geral, e seu nome será para sempre excluido das urnas electoraes.

Já disse, e não sessorci de repetir, que não descubro huma só face, por onde nos possa convir qualquer tractado com a Inglaterra, ou com outra Nação igualmente poderosa; e a ser nos indispensavel algum desses tractados, só o admitiria com Portugal por motivos, que são bem obvios, e pela razão de que este Reino nao está no caso de pretender levar-nos por meio da força. Mas com a Grã Bretanha, que tudo ameaça com a sua formidavel marinha, com seus blaqueijs, &c., e que além disto sobejas provas hã dado a todo o mundo da má fé, e requintado egoismo da sua politica, parece-me hum pequice, hum completa logração. Hum dos Artigos do nosso tractado vigente com a Inglaterra he o podermos de parte a parte vender a retalho os generos de industria, e manufacturados de ambos os paizes. Parece, que nisto hã toda a reciprocidade: mas quem não vê nisto mesmo hum a solenne mangação? Os Inglezes tem estabelecidos por todo o Brasil armazens de innumeraveis generos de suas fabricas: e nós de que objectos iremos abrir armazens, ou lojas nas Cidades da Inglaterra? Só se for de cocos torneados, de esteiras de pipiri, ou de vellas de carnauba! Em meu humilde entender pois esses tractados podem se chamar tractadas, ou laços, que o mais forte arma ao mais fraco. O Brasil pela sua posição topographica, por suas circumstancias não carece, quanto a mim, de tractado algum. Boa amisade com todos os Gabinetes, seus portos abertos a todas as Nações, segurança, protecção, e liberdade ao commercio e nada mais.

Apezar desse tão fallado tractado, que está a espirar, o que acaba de fazer o Governo Inglez? Sem nos dar a menor satisfação levantou os direitos d'importação

na pauta das suas alandegas: e por ventura não tem o Governo Brasileiro todo o direito, e razão de fazer o mesmo? Além disto não precisamos nós tanto de augmentar a nossa receita? De mais quaes são os beneficios, quaes os favores recebidos do Governo Inglez para que nos mereça hum privilegio relativamente ás outras Nações, que comnosco commercião? Conhecerá o Gabinete Britanico outro amigo, que não seja unicamente o seu interesse? Que bens havemos recebido desse Governo, para nos merecer sacrificios? Sempre me crearão com o proloquio, que diz = Faca, que não corta, e amigo, que não presta, que se pereão pouco importa.

Hã muitos tempos, que a Politica Inglez aspira ao imperio exclusivo dos mares; até que ultimamente o trafico d'escravaria lhe sugerio hum pretexto para isso, pretendendo o direito de visita dos navios; e o mais he, que já o tem exercido a respeito dos nossos vasos, e dos de Portugal com manifesto ultraje ás duas bandeiras de Nações, de quem se apregoa amiga, e fiel alliada! E sofreremos calados tamanho opprobrio? Continuaremos a ser escravos da Grã Bretanha? E ainda nos metteremos em tractados, ou tractadas com hum Governo, que assim nos despreza, e avilta?

Se eu tivera o merito, e honra de pertencer ao Corpo Legislativo, jamais usaria de refolhos, e a respeito das pretensões do Gabinete Inglez opinaria com a maior franqueza. Sim para que se ha de convir na prompta abolição do trafico, se alias se conhece, que a necessidade sempre engenhosa burlará todas as medidas com escandalosa infracção da lei? Melhor fora em minha humilde opinião dizer a aquelle Governo = Por ora não he possivel acabar com a importação de braços africanos; porque contra tal disposição levanta se o grito geral da Nação Brasileira. Nós passaremos a tomar medidas para que não faleção os braços à nossa Agricultura; depois do que poremos termo a esse trafico, que reconhecemos indigno, e mau: porém tudo deve ser feito por nós mesmos sem que es-

ve ser feito por nós mesmos sem que estrangeiros venhão governar a nossa casa. O que diria o Governo Britânico, se o da França, por ex., lhe intimasse a ordem de livrar da deploravel servidão os miseros indigenas das suas colonias Asiaticas? Donde veio ao Governo Inglez o direito de impor leis a Nações independentes? Se se condõe da sorte dos nossos escravos, muito mais desgraçados, e dignos de compaixão são os seus mesmos pobres, e os infelizes, que empregam em suas colonias. Já não he possível em fim, que o Brasil se illuda com a apregoada philantropia de hum Governo, que alias tem provado mais que muito, que não tem outro fito, senão o seu interesse, e que para o conseguir, não duvidaria, se necessario fosse, pôr em conflagração todo o universo.

Se não obstante a razão, que nos assiste, o Gabinete Inglez continuar a insistir em suas cupidas, e aviltadoras pretensões, não nos devemos acobardar. Embora nos declare a guerra; que nenhum povo he vencivel, logo que nelle domina hum pensamento forte, e verdadeiramente nacional. Se as cousas desgraçadamente chegarem a esse apuro, resistamo-lhe com todos os nossos meios, começando por declararmos guerra ás suas mercadorias: finalmente soframos tudo, menos o sermos como pupillos de Nação alguma. Seja pois qual for o desentreecho desse importante negocio, persuado-me, que nem o ouro da Inglaterra será capaz de corromper, nem as suas forças de intimidar aos Brasileiros.

Para este ponto he, que devemos convergir toda a nossa attenção, e deixarmos-nos de dissensões domesticas, filhas pela mór parte da tresloucada ambição de mando. Em quanto nos despedaçamos em guerra civil, tornamo-nos mais fracos, e a Politica Ingleza mais facilmente se nos atreverá. Não há meio termo: ou temos de ver espirar a nossa Agricultura, e consequentemente o commercio, e fallecerem nos os meios de subsistencia, ou deixarmos de annuir ás injustas pretensões do Governo Britânico. Muito espero dos bons sentimentos do Brasil.

Sentença bem notavel d'hum senhora.

Queixando se hum sujeito na presença de certa senhora de haver comprado hum papagaio, que suppunha femea; porque não era possível aprender a fallar, disse-lhe mui seriamente, que estava em erro: que o papagaio era macho; e por isso he, que não aprendia a fallar; e ficasse certo, que os que ouvisse fallar erão todos fêmeas, e isso deduzido por analogia da especie humana; porque não há duvida (disse ella) a respeito de fallar a mulher he muito mais forte, que o homem.

Quem melhor conhecerá a pedra, que o lapidario? Essa senhora parece ter se exprimido com conhecimento pleno do seu sexo; e não duvidou confessar aqua-lidade loquaz propria das mulheres. Quem mais vive, mais aprende; e d'ora em vante não duvidarei de que as que mais fallão são papagaias; que assim o decidio a Sra. D. Aninha.

ANECDOTA.

O grande Frederico de Prussia em sua ultima enfermidade tendo mandado chamar o celebre Zimmermann seu Medico, e conversando com elle sobre os erros da su'arte, perguntou-lhe quantas pessoas tinha matado em sua vida. « Não tantas, como V. M., (respondeo o Doctor) e com muito menos gloria.

No casamento d'hum Principe hum fidalgo pobre, e carregado de familia fez dispezas extraordinarias em illuminações, e vestuarios: de sorte que o mesmo Principe se admirou: e como hum cortezão dissesse, que o fidalgo não fizera, senão o que devia, aquelle respondeo-lhe: he verdade; mas elle ficou a dever tudo quanto fez.

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per accidens politico.

Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10 Epist. 23.

Guardarei nesta folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 1.º de Outubro.

(NUMERO 53.)

Olho vivo com a politica Ingleza.

AINDA que não vimos a integra do tractado ultimamente celebrado entre o Governo Britanico, e o de Portugal, todavia asseverão nos, que hum dos Artigos he o direito de visita maritima concedido aos navios Inglezes. A ser isto verdade, como cremos, a que estado de fraqueza, e degradação tem chegado a Nação Portugueza, outr'ora senhora dos mares! Quem dissera aos Vascos da Gama, e aos Cabraes, que descobrirão o primeiro a navegação da India, e o segundo o nosso Brazil; quem dissera aos Albuquerque, aos Castros, aos Ataides, aos Mascarenhas, e a tantos heroes Portuguezes, que tempo viria em que o brioso, e invicto Portugal receberia ordens da Inglaterra?

Reconheço, que este paiz conta em seu seio pessoas de grande merito, de profundo saber, e de muitas virtudes: mas creio, que hoje não há quem esteja convencido da perversidade da politica Ingleza, a qual nenhuma outra cousa aspira, que a dominação universal. Sim o Governo Britanico he o egoismo personalizado. Elte não olha, senão ao seu interesse; e huma vez que consiga lucros, todos os meios lhe são igualmente indifferentes. A labia, a insinuação, o suborno, a traição, a perfidia, o veneno, o assassinio, de tudo se prevalece com o mesmo sangue frio, huma vez que chegue a seus fins.

Quem ignora, que até hoje a Politica Ingleza não tem outros principios, e outras maximas, que não sejam os do melancolico Chatham, e do seu atroz Mi-

nistro Pitt? Este homem profundamente ambicioso dispoz despoticamente dos thezouros das forças, da população, e em fim do caracter nacional para avassalar as colonias das trez partes do mundo, monopolizar o commercio de todos os Estados, avaliar todas as sociedades humanas, devastar todos os continentes, dominar todos os Governos, destruir todos os principios de moral, e bem assim todos os sentimentos de gloria ainda mesmo na sua propria nação; extinguir o germen da liberdade, e os principios d'indendencia nos outros povos, apagar todas as luzes da Philosophia, e calcar aos pés os direitos do homem com o ardente desejo de reduzir a cinzas todos os seus vestigios sobre a superficie do globo.

A celebre doutrina do interesse, como unico movel das acções humanas, doutrina, que jazia sepultada, e esquecida nos velhissimos livros de Epicuro, onde resuscitou, senão em Inglaterra nos escriptos do celebre philosopho Hobbes? Este Inglez foi o primeiro, que na Europa moderna endeosou, e systematizou o egoismo. Elle estabeleceu por principio inconcusso, e fundamental do seu systema, que antecedentemente á formação do Governo tudo he indifferente por sua natureza, tudo arbitrario, e local, nada he bom, nem mau em si, nem por lei alguma natural, commum, e universal: que todas as nossas obrigações para com o proximo não se fundão, senão em hum contracto positivo; que assim como no estado da natureza a distincção do bem, e do mal, do justo, e do injusto, da virtude, e do vicio não tem outra medida, senão o interesse pri-

vado, do mesmo modo no estado social ella não pode ter outra, senão as convenções sociaes: finalmente Hobbes ensinou, que tudo está em conseguir o fim proposto, sem olhar para os meios. E o mais he, que a sua doutrina, alias tão grata ás paixões humanas, tem invadido tudo, e deitado a perder o mundo inteiro.

He mais, que provavel, que o Gabinete Inglez pretenda do Brasil o mesmo tractado, que conseguiu de Portugal com pequenas alterações locais. E haverá hoje quem ignore, que todo o fito desse Gabinete está em tirar-nos os braços á nossa agricultara, e dest'arte livrar-se de hum forte competidor nos mercados da Europa a iguaes generos das suas colonias da India? Mas que necessidade temos, ou que vantagens havemos colhido, ou podemos colher de tractados com hum Nação poderosa, cujo Governo sobejas provas há dado por todo o mundo do seu egoismo, da sua perfidia, e da sua má fé? Não estão os nossos portos abertos ao seu commercio? Que mais he preciso para elles, e para nós? Que segurança, que reciprocidade d'interesses pode realmente haver em tractados entre o Brasil fraco, e principiante, e a poderosa, e ladinissima Inglaterra? Só se for o pacto entre o lobo, e as ovelhas.

Quem há hi tão basbaque, que se persuada, que esse empenho tão extremoso, essas dispezas tão extraordinarias do Governo Inglez em acabar com o alias infame trafico de escravaria entre nós, não tenham outro motivo, senão a philantropia? Esse Governo eminentemente calculista, e matreiro, que professando o Christianismo deixa exportar das suas alfândegas imagens de idolos para a Asia, esse Governo, que conserva na mais barbara escravidão aos brancos do Indostão só sympathiza com os negros, que das costas d'Africa passam ao nosso Brasil? Tanta humanidade para estes, e tanta cruzeza para todo o mundo!

Eu creio, que nenhum homem despidido de prejuizos, e mais se professa o Evangelho, poderá deixar de reconhecer a iniquidade do trafico de carne humana; e além disto facil he demonstrar por cal-

culos irrecusaveis, que o serviço de braços escravos são infinitamente mais caro, do que o de braços jornalheiros, e livres; e por outra parte todos reconhecemos, que a escravaria he hum das primarias fontes da nossa immoralidade. Mas habitos inveterados por tantos seculos não se largão de repente; só a convicção d'interesses mais bem entendido poderá pouco, e pouco ir delindo do nosso animo esses, e outros prejuizos de tão largos annos: por tanto a nós mesmos, e a ninguém mais, he, que cumpre ir tomando as necessarias medidas para nos livrarmos desse trafico inhumano, e prejudicial. Todavia bem claro he, que quem quer, que o Brasil acabe de entuviada com a importação de braços africanos, sem que previamente haja tomado todas as medidas para suprir essa falta tão momentosa, he indubitavelmente inimigo declarado do mesmo Brasil; porque a fonte principal da nossa riqueza he de certo a agricultura, e todos sabem, que por ora não podemos dispensar esses braços sem ficarmos reduzidos á ultima penuria.

Tal parece ser o alvo, a que atira o Governo Inglez. Que se importa este, que o Brasil se reduza á mais lastimosa miseria; que se despedasse em facções, e guerra civil, lutando com as maiores precisões, hum vez que d'isso proveinha o mais alto preço das mercadorias das colonias Britanicas? Já se viu em tempo algum, que esse Governo recusasse diante de nenhum meio, por mais iniquo, por mais horroroso, logo que se tracta de promover os seus interesses? E como ousa encampar nos a sua philantropia hum Governo, que por tantos seculos trouxe a misera Irlanda debaixo do mais duro, e deshumano captiveiro?

Mas elle nutre esperanças em a nossa fraqueza; e talvez aguarde do nosso Corpo Legislativo o consentimento de seus ambiciosos desenhos: ate não falta quem profira, que o ouro da Inglaterra tudo vencerá a seu bel prazer. Mas não concidero tamanha a nossa corrupção, que hajão entre nós Representantes da Nação, que subscrevão á ignominia, e total decadencia da mesma Nação. Em verdade

que Brasileiro haverá tão degenerado, e de tão ignobéis sentimentos, que annua á ruina total da sua patria? Caso porém appareça algum, que concorde com as iniquas pretensões do Governo Britânico, esse ficará marcado com o negro ferrete da execração geral, e seu nome será para sempre excluído das urnas electoraes.

Já disse, e não sessarei de repetir, que não descubro hum só face, por onde nos possa convir qualquer tractado com a Inglaterra, ou com outra Nação igualmente poderosa; e a ser nos indispensavel algum desses tractados, só o admitiria com Portugal por motivos, que são bem obvios, e pela razão de que este Reino não está no caso de pretender levar-nos por meio da força. Mas com a Grã Bretanha, que tudo ameaça com a sua formidavel marinha, com seus bloqueios, &c., e que além disto sobejas provas há dado a todo o mundo da má fé, e requintado egoismo da sua politica, parece-me hum pequice, hum completa logração. Hum dos Artigos do nosso tractado vigente com a Inglaterra he o podermos de parte a parte vender a retalho os generos de industria, e manufacturados de ambos os paizes. Parece, que nisto há toda a reciprocidade: mas quem não vê nisto mesmo hum solenne mangação? Os Inglezes tem estabelecidos por todo o Brasil armazens de innumeraveis generos de suas fabricas: e nós de que objectos iremos abrir armazens, ou lojas nas Cidades da Inglaterra? Só se for de cocos torneados, de esteiras de pipiri, ou de vellas de carnauba! Em meu humilde entender pois esses tractados podem se chamar tractadas, ou laços, que o mais forte arma ao mais fraco. O Brasil pela sua posição topographica, por suas circumstancias não carece, quanto a mim, de tractado algum. Boa amisade com todos os Gabinetes, seus portos abertos a todas as Nações, segurança, protecção, e liberdade ao commercio e nada mais.

Apezar desse tão fallado tractado, que está a espirar, o que acaba de fazer o Governo Inglez? Sem nos dar a menor satisfação levantou os direitos d'importação

na pauta das suas algandegas: e por ventura não tem o Governo Brasileiro todo o direito, e razão de fazer o mesmo? Além disto não precisamos nós tanto de augmentar a nossa receita? De mais quaes são os beneficios, quaes os favores recebidos do Governo Inglez para que nos mereça hum privilegio relativamente ás outras Nações, que connosco commercião? Conhecerá o Gabinete Britânico outro amigo, que não seja unicamente o seu interesse? Que bens havemos recebido desse Governo, para nos merecer sacrificios? Sempre me creirão com o proloquio, que diz = Faca, que não corta, e amigo, que não presta, que se pereção pouco importa.

Há muitos tempos, que a Politica Inglez aspira ao imperio exclusivo dos mares, até que ultimamente o trafico d'escravaria lhe suggerio hum pretexto para isso, pretendendo o direito de visita dos navios; e o mais he, que já o tem exercido a respeito dos nossos vasos, e dos de Portugal com manifesto ultraje ás duas bandeiras de Nações, de quem se apregoa amiga, e fiel alliada! E sofreremos calados tamanbo opprobrio? Continuaremos a ser escravos da Grã Bretanha? E ainda nos metteremos em tractados, ou tractadas com hum Governo, que assim nos despreza, e avilta?

Se eu tivera o merito, e honra de pertencer ao Corpo Legislativo, jamais usaria de refolhos, e a respeito das pretensões do Gabinete Inglez opinaria com a maior franqueza. Sim para que se ha de convir na prompta abolição do trafico, se alias se conhece, que a necessidade sempre engenhosa burlará todas as medidas com escandalosa infracção da lei? Melhor fora em minha humilde opinião dizer a aquelle Governo = Por ora não he possivel acabar com a importação de braços africanos; porque contra tal disposição levanta se o grito geral da Nação Brasileira. Nós passaremos a tomar medidas para que não faleção os braços á nossa Agricultura; depois do que poremos termo a esse trafico, que reconhecemos indiguo, e mau: porém tudo deve ser feito por nós mesmos sem que es-

ve ser feito por nós mesmos sem que es-
trangeiros venhão governar a nossa casa.
O que diria o Governo Britanico, se o
da França, por ex., lhe intimasse a or-
dem de livrar da deploravel servidão os
miseros indigenas das suas colonias Asi-
aticas? Donde veio ao Governo Inglez
o direito de impor leis a Nações indepen-
dentes? Se se condõe da sorte dos nos-
sos escravos, muito mais desgraçados,
e dignos de compaixão são os seus mes-
mos pobres, e os infelizes, que empre-
ga em suas colonias. Já não he possivel
em fim, que o Brasil se illuda com a
apregoada philantropia de hum Governo,
que alias tem provado mais que muito,
que não tem outro fito, senão o seu in-
teresse, e que para o conseguir, não
duvidaria, se necessario fosse, pôr em
conflagração todo o universo.

Se não obstante a razão, que nos as-
siste, o Gabinete Inglez continuar a in-
sistir em suas cupidias, e aviltadoras pre-
tenções, não nos devemos acobardar.
Embora nos declare a guerra; que ne-
nhum povo he vencivel, logo que nelle
domina hum pensamento forte, e verda-
deiramente nacional. Se as cousas des-
graçadamente chegarem a esse apuro,
resistamo-lhe com todos os nossos meios,
começando por declararmos guerra às
suas mercadorias: finalmente soframos
tudo, menos o sermos como pupillos de
Nação alguma. Seja pois qual for o des-
entrecho desse importante negocio, per-
suado-me, que nem o ouro da Inglaterra
será capaz de corromper, nem as suas
forças de intimidar aos Brasileiros.

Para este ponto he, que devemos con-
vergir toda a nossa attenção, e deixar-
mo-nos de dissensões domesticas, filhas
pela mór parte da tresloucada ambição de
mando. Em quanto nos despedaçamos
em guerra civil, tornamo-nos mais fra-
cos, e a Politica Ingleza mais facilmente
se nos atreverá. Não há meio termo:
ou temos de ver espirar a nossa Agricul-
tura, e consequentemente o commercio,
e fallecerem-nos os meios de subsisten-
cia, ou deixarmos de annuir às injustas
pretensões do Governo Britanico. Mui-
to espero dos bons sentimentos do Brasil.

VARIEDADE.

Sentença bem notavel d'huma senhora.

Queixando se hum sujeito na presença
de certa senhora de haver comprado hum
papagaio, que suppunha femea; porque
não era possivel aprender a fallar, disse-
lhe mui seriamente, que estava em erro:
que o papagaio era macho; e por isso
he, que não aprendia a fallar; e ficasse
certo, que os que ouvisse fallar erão to-
dos femeas, e isso deduzido por analogia
da especie humana; porque não há du-
vida (disse ella) a respeito de fallar a
mulher he muito mais forte, que o ho-
mem.

Quem melhor conhecerá a pedra, que
o lapidario? Essa senhora parece ter se
exprimido com conhecimento pleno do
seu sexo; e não duvidou confessar a qua-
lidade loquaz propria das mulheres.
Quem mais vive, mais aprende; e d'ora
em vante não duvidarei de que as que
mais fallão são papagaias; que assim o
decidio a Sra. D. Aninha.

ANECDOTAS.

O grande Frederico de Prussia em sua
ultima enfermidade tendo mandado cha-
mar o celebre Zimmermann seu Medico,
e conversando com elle sobre os erros da
su'arte, perguntou-lhe quantas pessoas
tinha matado em sua vida. « Não tantas,
como V. M., (respondeo o Doctor) e
com muito menos gloria.

No casamento d'hum Principe hum fi-
dalgo pobre, e carregado de familia fez
dispezas extraordinarias em illuminações,
e vestuarios: de sorte que o mesmo Prin-
cipe se admirou: e como hum cortezão
disse, que o fidalgo não fizera, senão
o que devia, aquelle respondeo-lhe: he
verdade; mas elle ficou a dever tudo
quanto fez.